

## A POESIA DE HERZER NUM EXERCÍCIO DE DECOLONIZAÇÃO DOS CORPOS HERZER'S POETRY IN AN EXERCISE OF DECOLONIZATION OF BODIES

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p319-332

Wallace Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca pensar sobre a poesia do poeta transsexual Anderson “Bigode” Herzer (1962-1982), nascido como Sandra Mara Herzer, ou simplesmente Herzer, como uma criação literária que revela uma tentativa de decolonização do corpo humano. Nossa metodologia para este artigo foi trabalhar com uma revisão conceitual a partir de uma bibliografia selecionada e fazer uma análise de sentidos dos poemas escolhidos. Os poemas foram retirados do único livro de Herzer, intitulado *A queda para o alto* (1982), lançado pela Editora Vozes. Os resultados revelam que a poesia de Herzer apresenta um claro mecanismo de interrogação dos corpos dominados e subjugados social e moralmente, mostrando uma tentativa de um pensamento decolonial, apesar de não claramente explicitado. Utilizamos neste texto conceitos de autores como Foucault (1981), Freire (1994, 1997), Spivak (1996), Rodrigues (2019), entre outros.

**Palavras-chave:** Arte poética; Submissão dos corpos vulneráveis; Decolonização dos corpos.

**Abstract:** This paper seeks to think about the poetry of the transsexual poet Anderson “Mustache” Herzer (1962-1982), born as Sandra Mara Herzer, or simply Herzer, as a literary creation that reveals an attempt to decolonize the human body. These poems were taken from Herzer's only book, *A fall to the top* (1982), released by Editora Vozes. Our methodology for this paper was to work with a conceptual review based on a selected bibliography and to analyze the meanings of three selected poems. The results reveal that Herzer's poetry shows a clear interrogation mechanism of the socially and morally dominated and subjugated bodies in an attempt at decolonial thinking, although not clearly explicitated. We use in this text concepts of authors such as Foucault (1981), Freire (1994, 1997), Spivak (1996), Rodrigues (2019), among others.

**Keywords:** Poetic art; Submission of vulnerable bodies; Decolonization of bodies.

### Introdução

---

1 Professor adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela *Universiteit Leiden* (Países Baixos). E-mail: [wallace@uft.edu.br](mailto:wallace@uft.edu.br) ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

Este trabalho tem como objetivo central refletir sobre questões de gênero numa perspectiva humanista e decolonial a partir de poemas selecionados do escritor transexual Anderson Herzer e retirados do livro *A queda para o alto* (1982), lançado pela Editora Vozes.

Nossa metodologia para este artigo foi pensada a partir da explicação de alguns conceitos básicos sobre os estudos de gênero, uma revisão bibliográfica que desse base para nossa discussão e análises de algumas tensões decoloniais nos poemas selecionados. Usamos aqui conceitos de autores como Foucault (1981), Freire (1994, 1997), Spivak (1996), Rodrigues (2019), entre outros, para lidar com ideias sobre poder, decolonialidade, humanização, desaprendizagem e gênero na poesia de Herzer.

Devemos ressaltar que nossa análise parte de uma visão da literatura como um mecanismo capaz de revelar valores coloniais arraigados em nossa sociedade e como eles podem ser pensados e desconstruídos. Tais valores tradicionais, desde a nossa perspectiva, são reflexos da reprodução de uma forte estrutura social de dominação masculina, patriarcal, elitista, colonizada, preconceituosa, racista, misógina e classista brasileira. Informamos, ainda, que o corpus poético selecionado para este texto é uma via para se pensar a desconstrução desses valores.

### **Notas sobre as tensões sociais e morais sobre os corpos**

A decolonialidade, enquanto mecanismo de desconstrução de afetos, pensamentos e sentidos oriundos da colonialidade, afeta-nos ainda hoje. Pensamos a decolonialidade como um pensar extremamente necessário para nós brasileiros, visto que nossa colonização deixou marcar profundas e nossos métodos científicos ainda são extremamente baseados em conhecimentos de base eurocêntrica. Tal desconstrução pode ser executada de diversas formas, e uma destas maneiras é através do estudo detalhado dos textos literários e dos pensamentos críticos elaborados a partir das suas narrativas. Compreendemos que um livro é e sempre será um relato a partir de um ou mais pontos de vista, mas tais perspectivas são sempre passíveis de ser colocadas em xeque por uma análise mais detalhada e reveladora.

Em uma sociedade tão conservadora como a nossa, os mecanismos de dominação colonial (revelados também por meio da literatura) ainda parecem ressoar fortemente em nosso meio, principalmente sobre os nossos corpos. Acreditamos haver um “poder” subjetivo que acarreta em tentativa de dominação e de subjugação do branco sobre o negro, do pobre

sobre o rico, do “normal” sobre o diferente etc. Michel Foucault define claramente este “poder” a partir das relações sociais:

Quando digo “o poder”, não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. (FOUCAULT, 1981, s.p). (Aspas do texto original).

E, na sociedade brasileira, aqueles com detêm algum “poder” acabam por determinar a conduta dos “outros” (mais fragilizados socialmente). Historicamente, os colonizadores buscaram dominar os corpos indígenas, depois subjugaram os corpos negros escravizados, e como se não bastasse, ainda tentam dominar os corpos dos grupos minoritários e mais socialmente vulneráveis na contemporaneidade. A carga subjetiva de dominação da colonização, como se nota, não se manteve somente no período colonial e imperial brasileiros, mas arrasta-se até hoje em nossa sociedade como um problema a ser resolvido. Este talvez seja o fardo mais pesado de nosso país e que leva a diferenciar todos em categorias e a naturalizar as diferenças (de forma negativa, não vendo as diferenças como riquezas), o que exige desconstrução diária e consistente.

Vale pensar que a dinâmica dos mecanismos de exclusão capitalista, que fazem parte da engrenagem colonial de dominação dos corpos vulneráveis, utiliza-se, na atualidade, de categorias como raça, gênero, origem, entre outras, para subjugar pessoas (geralmente pobres e com baixa instrução escolar) e subalternizá-las.

Ainda, temos que compreender que é a partir da realidade que criamos subjetividades, ou seja, os mecanismos coloniais de diferenciação ainda presentes em nossa sociedade acabam por se fundirem na subjetividade das pessoas, tornando-se “crenças” e valores. Além disso, o caráter simbólico das coisas e ações pode ser sempre entendido como uma construção coletiva e que tem como objetivo diferenciar e separar, marcando claras distinções sociais remanescentes de preconceitos coloniais.

Nesse sentido, verificamos que nunca soubemos trabalhar com nossa “herança” colonial de uma forma aprofundada, de modo a questioná-la e ultrapassá-la. A profunda

necessidade de diferenciação, no caso brasileiro, parece ser tomada com naturalidade e é repetida incessantemente em nossos meios sociais e de forma negativa.

Somos ensinados, desde pequenos, em nossa sociedade, que as pessoas devem “saber seu lugar” social. Por exemplo: os mais pobres não devem aspirar profissões voltadas para as elites, a heteronormatividade precisa ser o exemplo a ser seguido em questões de gênero, os negros ficam com as funções piores remuneradas e os brancos com as melhores, entre tantas outras falácias coloniais que habitam as subjetividades de grade parte da retrógrada sociedade brasileira.

Pensamos que a literatura pode ser uma vereda capaz de humanizar e quebrar tais paradigmas ainda pautados por uma visão arraigada no discurso do poder hegemônico, cujo padrão se pauta na branquitude, na heterossexualidade, na condição econômica e na masculinidade.

### **Literatura, gênero e decolonialidade dos corpos**

A literatura, em relação às mais diversas questões sociais, sempre se colocou como um espelho social ou como uma forma de contestação desta mesma sociedade. No caso específico deste artigo, os poemas selecionados da obra *A queda para o alto* (1982), de Anderson “Bigode” Herzer, mostra uma literatura denunciante das mazelas sociais, revelando claros cortes, rupturas e brechas na estrutura de nossa sociedade. Para isso, em seu fazer poético, ele aborda temas como...

Para começar a discussão sobre gênero, informamos que a identidade de gênero se relaciona com a maneira como a pessoa se reconhece dentro dos padrões de gênero: feminino e masculino. Tais valores são socialmente estabelecidos (exemplo: menino veste azul e menina veste rosa) e variam de cultura para cultura e de sociedade para sociedade. Há, ainda, quem não se identifique com nenhum desses dois gêneros, os agêneros. Estes últimos identificam-se com ambos os gêneros. Há ainda os intergêneros, andróginos, bigêneros e *crossdressers*.

No caso de Herzer, podemos pensá-lo como um transexual, pois nasceu com o sexo biológico diferente do gênero com o qual se reconhecia. Os transexuais desejam ser reconhecidos/as pelo gênero com o qual se identificam, sendo que o que determina se a pessoa é transexual é a sua identidade, e não qualquer processo cirúrgico. Neste sentido,

existem tanto homens trans quanto mulheres trans. Herzer era um homem trans, pois reivindicava o reconhecimento social como homem.

Também, podemos pensar a LGBTfobia como sendo um preconceito em virtude da identidade de gênero ou orientação sexual de uma pessoa. Esse mecanismo de preconceito e exclusão social baseia-se na heteronormatividade como norma social a ser seguida, perseguindo os corpos que fogem a esta regra. Vemos essa heteronormatividade como um desdobramento de uma sociedade patriarcal, masculina e branca, categorias que nos foram ensinadas como valores a serem seguidos a partir mesmo de nossa colonização e em nossas famílias, e que ainda repercutem em nossa educação escolar, social e cultural.

Percebemos que há, ainda hoje na sociedade brasileira, muito de manutenção de afetos e pensamentos colonialistas e que tomam forma como dominação e subjugação. Entendemos que a manutenção de afetos baseados em pensares e fazeres eurocêntricos coloniais devem ser desconstruídas por meio da decolonização desses afetos. No entanto, também compreendemos que há possíveis mecanismos que podem levar à decolonização de afetos e pensamentos. A professora indiana Gayatri Spivak (1996) diz-nos que se o racismo, como um exemplo de categoria colonial, foi um processo de aprendizado, ele pode ser desaprendido. “Se nós aprendemos racismo, nós podemos desaprendê-lo, e desaprendê-lo precisamente porque nossas ideias sobre raça representam um fechamento de possibilidade criativa, a perda da opção do outro, outro conhecimento” (SPIVAK, 1996, p. 4, tradução nossa). [Recomendo inserir a citação original em rodapé. Ou coloca-la aqui e a tradução em rodapé. Para padronizar com os demais artigos do dossiê].

Nesse sentido, não compreender as riquezas oriundas das realidades dos “outros” (diferentes de mim) coloca-se como um encerramento intelectual, uma ação não proveitosa para o conhecimento de si e dos outros. Pois as tentativas de apagamento das riquezas culturais, artísticas, sociais, entre outras, dos “outros” revelam mecanismos de estereotipificação e preconceitos coloniais ainda latentes em nossa sociedade.

Wallace Rodrigues (2020) assevera, assim, que um processo de decolonização<sup>2</sup> de afetos e pensamentos é possível de acontecer e que deve ser tomado como base de educação escolar, até mesmo ambiental:

---

2 Neste texto, o termo decolonização deve ser tomado como um mecanismo de mudança epistemológica em relação à colonização e suas marcas. Já o termo descolonização deve ser pensado como um processo mais pessoal e em relação aos afetos, pensares e fazeres que caracterizam a colonialidade em nós mesmos, buscando uma aquisição gradual de independência crítica em relação à colonialidade.

A descolonização do ser humano passa, primeiro, por uma tomada de consciência de seu estado de opressão e de sua inclusão no sistema capitalista neoliberal de estandardização dos saberes, fazeres, coisas e pensamentos. E, para além da tomada de consciência, segundo, pensam-se em ações eticamente possíveis em relação a nós seres humanos e ao planeta em que vivemos. (RODRIGUES, 2020, p. 233).

Um outro exemplo de mecanismo de decolonização seria o quilombo (agrupamentos de negros escravos do período colonial e que desejavam a liberdade de seus opressores), como nos conta Paulo Freire (1994):

A herança brasileira é colonial, de natureza autoritária. E temos nessa herança a sublevação da liberdade. Mas temos também, ao longo da nossa história, as expressões de luta contra a repressão, os “Quilombos”. Vivemos no Brasil de um lado a repressão, de outro os quilombos. E eu vejo os quilombos como a expressão da **ansiedade legítima de liberdade** (FREIRE, 1994, p. 9, grifos nossos).

E esta “ansiedade legítima de liberdade”, como nos afirma Freire, estende-se, na atualidade, para os vários campos da vida social, como no caso do gênero. Assim, a heteronormatividade como “exemplo” a ser seguido socialmente tenta, a todo custo, “disciplinar” nossas vontades, desejos e corpos. Fernanda Niemeyer e Maria Henriqueta Luce Kruse (2008) destacam que essa tentativa de controle sobre nossos corpos também acontece em relação aos estritos padrões sociais de “beleza”:

**Essas técnicas que permitem o controle detalhado das operações do corpo, que realizam a sujeição permanente de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que Foucault chama de ‘disciplinas’. Estas visam à formação de uma relação que torna o corpo humano tanto obediente quanto útil, constituindo uma política de coerções que trabalham sobre o corpo, ‘uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos’.** Essa política passa a ter domínio sobre o corpo dos outros, para que operem como se quer, através das técnicas. A disciplina, arte das técnicas para a transformação, tem por alvo os indivíduos em sua singularidade. E o poder de individualização tem como instrumento a vigilância permanente, classificatória, permitindo distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Desta forma, ‘a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. (NIEMEYER; KRUSE, 2008, p. 464, grifos nossos).

Voltamos ao pensamento de Foucault para compreender que os padrões de beleza e padrões morais são sempre tentativas de dominação, buscando, insistentemente, uma “sublevação da liberdade” (como bem escreveu Freire) das pessoas e a dominação de seus corpos. O controle moral, cultural e social parece ter se transplantado, durante o período atual do capitalismo pós-industrial, para categorias mais subjetivas, como o gênero, por exemplo.

A compreensão das diferenças e o respeito a elas são sempre lutas sociais que são travadas no cenário da moral, de valores e da cultura de uma sociedade. No entanto, devemos pensar cada ser humano a partir de sua riqueza e de sua individualidade crítica, também expressa por seu corpo.

Neste caminho, Paulo Freire (1997) enfatiza o valor da humanização na educação. Tendo sempre a educação como campo de batalhas críticas, Freire acaba por compreender, assim como Spivak, que processos de aprendizagem e desaprendizagem são de extrema importância na criação de uma sociedade que respeite as diferenças e que acolha a todos e todas. Freire nos afirma:

**A concepção humanista, que recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma constante problematização do homem-mundo. Seu que fazer é problematizador, jamais dissertador ou depositador.** Assim como a concepção recém-criticada, em alguns de seus ângulos, não pode operar a superação da contradição educador-educando, a concepção humanista parte da necessidade de fazê-lo. E essa necessidade lhe é imposta na medida mesma em que encara o homem como ser de opções. Um ser cujo ponto de decisão está ou deve estar nele, em suas relações com o mundo e com os outros. Para realizar tal, superação, existência que é a essência fenomênica da educação, que é sua dialogicidade, **a educação se faz então diálogo, comunicação. E, se é diálogo, as relações entre seus polos já não podem ser as de contrários antagônicos, mas de polos que conciliam.** (FREIRE, 1997, p. 14, grifos nossos).

Ainda, voltamos ao ponto de que o “poder” são as relações sociais, daí a necessidade de que as relações entre as pessoas sejam dialógicas (como na teoria freireana), de comunicação, e não de fechamento para os saberes e fazeres do “outro”. Tal educação exige uma superação de estereótipos e preconceitos sociais, inclusive aqueles em relação à categoria gênero. Na poesia de Herzer caberá como destaque a análise dos elementos relacionados à categoria gênero em seu fazer poético.

### **A poesia de Herzer como tentativa decolonizadora de corpos dominados**

Anderson “Bigode” Herzer, ou simplesmente Herzer, nasceu em Rolândia (PR), em 10 de junho de 1962, chamado Sandra Mara. Foi um escritor e poeta transexual marginalizado. Sua única obra literária foi o livro *A queda para o alto*, produzido durante sua conflituosa e longa passagem pela FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), durante a década de 1980.



Herzer perdeu o seu pai aos quatro anos de idade e a sua mãe aos sete anos. Foi adotado pelos tios. Abusado e negligenciado de várias formas durante a infância, aos doze anos já era alcoólatra. Foi enviado para a FEBEM por sua tia. Sua passagem por esta instituição foi marcada por fugas, sofrimento e paixões. Ali descobriu um mundo hostil e cruel. Ficou conhecido na Fundação como “Bigode”. Sua sensibilidade o levou a escrever um relato de sua vida e quarenta e cinco poemas, publicados em *A queda para o alto*.

O deputado Eduardo Matarazzo Suplicy acolheu-o em seu escritório legislativo, dando a Herzer um cargo de estagiário e incentivando-o a publicar seu livro. Herzer cometeu suicídio em 10 de agosto de 1982, deixando-nos como legado sua história de vida, suas críticas ao sistema de acolhimento de menores e sua sensível poesia.

Seus poemas, de contornos extremamente românticos e tristes, marcaram a trajetória sensível de um escritor transexual que muito sofreu nas instituições para menores, onde deveria ser bem cuidado. Ainda, nunca recebeu o devido apoio de sua família. Nesse sentido, em sua obra poética, a literatura cumpre seu papel de transgressora da ideia de disciplinar os corpos e torná-los dóceis e adequados à legitimação da heteronormalidade. É o eu-lírico indócil, questionador, crítico, que, em desabafo, revela a violência camuflada em obediência, em disciplina.

Destacamos abaixo alguns poemas de Herzer e nossas impressões analíticas sobre eles, na esperança de que acendam luzes de alerta sobre a necessidade de compreensão da humanidade das pessoas e da liberdade de escolha de fazerem o que desejarem com seus corpos, mas sem serem abusados, obrigados a agirem contra suas vontades.

### **Mataram João Ninguém**

Quando o próximo sangue jorrar  
daquele por quem ninguém irá chorar,  
daquele que não deixará nada para se lembrar  
daquele em quem ninguém quis acreditar.  
Quando seus olhos só puderem fitar o escuro  
quando seu corpo já estiver inerte, frio e duro,  
quando todos perceberem morto João Ninguém  
e quando longe de todos ele será seu próprio alguém.  
Tantas mãos, tantas linhas incertas,  
tantas vidas cobertas, sem ninguém pra sentir,  
Tantas dores, tantas noites desertas  
tantas mãos entreabertas, sem ninguém pra acudir.



Qualquer dia vou despir-me da luta  
pisar em coisas brutas, sem me arrepender.  
Tão difícil ver a vida assassinada  
quando estamos já tontos pra tentar sobreviver.  
As perguntas sem respostas, sem nada,  
as vidas curtas e desamparadas  
o último grito que não foi ouvido  
calaram mais um homem iludido.  
E no mundo não dão mais argumentos  
pra fugir aos lamentos  
De quem sozinho falece.  
de quem sozinho falece.  
Para esses, não há mais compreensão,  
não há mais permissão, para que se tropece.  
Na televisão, o aguardo da cotação  
um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém  
mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?  
e João morreu... ninguém ouviu.  
Eu vou distribuir panfletos,  
dizendo que João morreu  
talvez alguém se recorde  
do João que falo eu.

Falo daquele mendigo que somos  
pelo menos em matéria de amor,  
daquele amor que esquecemos de cultivar  
o qual com tanto dinheiro, ninguém jamais coroou.

O poema “Mataram João Ninguém” revela a clara subalternidade social de “João Ninguém”, como a de muitos brasileiros deixados à margem da sociedade de consumo. Seus corpos são tidos como meros objetos de trabalho e consumo, transformando-se em corpos obedientes e úteis, sempre “tontos pra tentar sobreviver”.

As “vidas curtas e desamparadas” revelam crianças vindas de famílias desestruturadas e de instituições sociais públicas incapazes de garantir o mínimo de humanidade e dignidade para elas, mostrando o ser partido destas crianças desde a infância, como descrito por Herzer.

O verso “Falo daquele mendigo que somos” revela de quem se fala, dos vulneráveis, dos que são efetivamente desamparados em sua singularidade. Tais corpos são opostos à lógica da coletividade de corpos consumidores, o que o capitalismo deseja fazer de nós (transformar-nos em consumidores vorazes). Sem dinheiro e sem bens não há reconhecimento social e poder de consumo, inviabilizando os corpos economicamente fragilizados.

Herzer faz, no poema “Mataram João Ninguém”, uma “constante problematização do homem-mundo”, como nos diz Freire (1997), revelando a fragilidade de nossos corpos e vidas num mundo onde somente o dinheiro e o consumo têm valor. Nesse sentido, o corpo, no referido poema, coloca-se como objeto de aflições, afeições e subjugação, ainda mais um corpo de um desconhecido socialmente, de um “João Ninguém”. Esse exercício crítico de Herzer pode ser considerado como um mecanismo de um pensar decolonizador sobre as pessoas e seus corpos, pois questiona o consumo, o ter, o possuir, o comprar, os bens etc., em relação aos corpos subalternizados economicamente e deixados à margem da sociedade.

Vale ressaltar no poema o possível contraponto com “Construção”, do Chico Buarque. Na música, a voz que fala denuncia, pela indiferença e pela ironia, o indivíduo marginalizado que morre. A voz do eu-lírico do poema também denuncia, mas pelas vias do desabafo, do grito, do chacoalhar as consciências anestesiadas pela naturalização da violência.

Abaixo, apresentamos um poema que retrata a vida do poeta como um palco teatral:

### **Minha vida, meu aplauso**

Fiz de minha vida um enorme palco  
Sem atores, para a peça em cartaz  
Sem ninguém para aplaudir este meu pranto  
Que vai pingando e uma poça no palco se faz.  
Palco triste é meu mundo desabitado  
Solitário me apresenta como astro  
Astro que chora, ri e se curva à derrota  
E derrotado muito mais astro me faço.  
Todo mundo reparou no meu olhar triste  
Mas todo mundo estava cansado de ver isso  
E todo mundo se esqueceu de minha estréia  
Pois todo mundo tinha um outro compromisso.  
Mas um dia meu palco, escuro, continuou  
E muita gente curiosa veio me ver  
Viram no palco um corpo já estendido  
Eram meus fãs que vieram para me ver morrer.  
Esta noite foi a noite em que virei astro  
A multidão estava lá, atenta como eu queria.  
Suspirei eterna e vitoriosamente  
Pois ali o personagem nascia  
E eu, ator do mundo, como minha solidão...  
Morria!

No poema “Minha vida, meu aplauso”, Herzer compara sua vida a um palco teatral, mas “Sem ninguém para aplaudir este meu pranto”, sem público que o apoie. Neste palco de tristezas e abandono, que é seu “mundo desabitado”, a solidão reina soberana. Palavras como “desabitado”, “derrotado”, “triste”, “cansado”, entre outras, revelam o tom triste do poema. Somente na hora da morte é que ele é visto, ouvido, verificado: “meus fãs que vieram para me ver morrer.”

Como em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, um “João Ninguém”, assim como a personagem Macabéa (que tem um momento de atenção durante a sua morte no meio da via pública), Herzer nos diz: “A multidão estava lá, atenta como eu queria. / Suspirei eterna e vitoriosamente / Pois ali o personagem nascia / E eu, ator do mundo, como minha solidão... / Morria!” Tanto a morte de Macabeia como a do eu-lírico do poema refletem o único instante em que o mundo lhes presta atenção: na morte.

Ele parecia prever que sua morte chamaria mais atenção do que sua vida. Seu livro, prestes a ser lançado, marcava sua vida e o faria ser lembrado. Seus sofrimentos vários foram deixados em uma obra literária única. O poeta morre, mas não sua obra contestadora e crítica.

O corpo coloca-se, novamente, como o objeto de atenção no centro do jogo da vida e da morte. Herzer instiga-nos a pensar sobre a vida como uma peça teatral, com horário para começar e terminar. O corpo como objeto de afetos, sensibilizações, intervenções e de existência no mundo. Subjugado e massacrado socialmente e desumanizado, o corpo faz-nos refletir sobre todos os estereótipos atrelados às nossas vidas, num eterno exercício de questionamentos acerca dos valores “coloniais” arraigados em nossa sociedade pela via da “moral” e dos “bons costumes”.

O poema a seguir apresenta o estado tristonho do eu-lírico e um pouco sobre sua sexualidade:

### **Estado psicológico**

E de chorar, já sou pranto;  
De lembrar, esquecido,  
Nas mãos, palmas calejadas  
Cavando desejos, proibidos.  
E de pensar, já sou louco,  
Não há encontro para mim,  
Não tenho nome em tua lista,  
Não iniciei, sou sem fim.  
Com tantos erros passados,

Ganhei má fama sozinho,  
Com tantos passos errados  
Não encontrei meu caminho.  
Tentei abrir as mãos e não vi nada,  
Nem mesmo aquele beijo da mulher falada,  
Nem aquele antigo abraço que ganhei.  
Eu lutei... perdi! Porque contigo errei.  
E de pecados, sou negro,  
De relutar, sou forças,  
De persistir, sou sem vista,  
De agredir, comunista!  
Não tenho eira nem beira,  
Não amor para amar,  
Não posso amar quem aceita  
Lutar e ver fracassar.  
E vou seguindo sem luzes,  
Ninguém verá minha partida,  
Não quero deixar saudades,  
Nem prantos na despedida.  
E se me quer na lembrança,  
Guarde meu nome contigo  
Meu nome é nome, só nome.  
É simples, mas decisivo.  
Na flor das noites de sangue  
Eu parto sem chorar dor,  
Eu parto, mas deixo contigo  
O que fui aqui,  
...deixo amor.

O eu-lírico se identifica, no poema “Estado psicológico”, como “pranto”, “esquecido”, “louco”, “sem fim”. O poema revela sempre o lado sombrio da vida de Herzer, sua inconformidade sensível e sua angústia de expressão por meio da escrita. Sua sexualidade como transexual, na busca pelo “beijo da mulher falada”, transgride a heteronormatividade da sociedade brasileira, tida como “norma” pela moral cristã e conservadora brasileira. Essa transgressão aos padrões morais mais tradicionais revela mais uma vertente crítica da poesia de Herzer em relação ao controle dos corpos LGBTQ+, questão crítica ainda muito atual.

O poema termina como uma despedida: “Na flor das noites de sangue / Eu parto sem chorar dor, / Eu parto, mas deixo contigo / O que fui aqui, / ...deixo amor.” A profunda sensibilidade do eu-lírico deixa ver seu sofrimento ao existir e suas anotações de partida. Tal poema funciona como um relato de vida e uma carta de despedida.

Os poemas de Herzer parecem sempre ter um tom de despedida deste mundo, como que destinados a viver para além dele. E isto efetivamente aconteceu com o lançamento do

livro *A queda para o alto* e a repercussão de tal obra, principalmente nos meios acadêmicos. Tal livro ainda é tido como uma literatura “tabu” para o cânone literário ensinado nas escolas, por exemplo. No entanto, seus poemas estão muito mais próximos das realidades de nossos estudantes de escolas públicas de periferia, interiores e comunidades carentes (por que refletem as angústias e vivências desses grupos de pessoas) do que muitos “clássicos” de nossa literatura nacional.

### **Considerações finais**

Compreendemos que a arte literária de Herzer ressignificou criticamente alguns pensamentos sobre gênero e sobre as dominações dos corpos vulneráveis e destoantes da “normalidade heterossexual” na década de 1980. Com a publicação de somente um livro ele consegue fazer-nos pensar criticamente sobre nossa sociedade, nossos valores, nossos costumes, nossa moral etc., e questionar nossas vidas diante de suas complexidades, principalmente no que se refere a questões ligadas a gênero e sexualidade.

Essa obra literária tem caráter importante para pensar não somente a poesia transexual brasileira, mas também os sofrimentos a que são submetidos os corpos vulneráveis, principalmente os mais pobres e sem apoio familiar, pois a tentativa do capitalismo em transformar nossos corpos em objetos dóceis e úteis encontra base em categorias coloniais ainda muito arraigadas em nossas sociedades ocidentais.

Ainda, os textos de Herzer incitam-nos a pensar e agir sobre as políticas públicas em relação à proteção às crianças socialmente vulneráveis. Tais políticas devem ser de educação e cuidado, e não de mais sofrimento e dor para as crianças.

Também, compreendemos a obra poética de Anderson Herzer como uma tentativa de decolonização dos corpos subalternizados, sempre se utilizando de um mecanismo crítico sobre a moralização dos corpos, questionando o conservadorismo social brasileiro e os sofrimentos impetrados às crianças (cidadãos de direito). Essas críticas poéticas de Herzer reverberam em nossa mentalidade ainda com fortes resquícios de categorias coloniais – pautadas em comportamentos atrelados à hipocrisia de um discurso hegemônico que se impõe como verdade única e imutável – e fazem-nos refletir sobre importantes questões relativas a gênero, à infância, a cuidados, a afetos, entre tantas outras reflexões fundamentais para a formação de seres humanos saudáveis física e psicologicamente.

Por fim, vemos que a literatura de Herzer pode ser considerada como uma via de decolonização, principalmente como mecanismo de desconstrução de padrões morais arcaicos e claramente ineficientes para a sociedade atual pós-industrial em que vivemos, onde as diferenças e a criticidade devem ser enaltecidas e não castradas. Lembramos aqui da necessidade de desnaturalização de um discurso hegemônico colonial pautado na heteronormatividade, no patriarcado, no poder do capital, e como isso se reflete em desabafo, em grito, em crítica pelo fazer poético de Herzer.

### Referências

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981 – Tradução de Anderson dos Santos. *Clinicand*. Disponível em: <http://clinicand.com/entrevista-com-michel-foucault/> . Acesso em: 07 out. 2021.

FREIRE, Paulo. Ensinar, Aprendendo. IN: *O Comunitário*. Publicação da Escola Comunitária de Campinas. Março de 1994, edição número 38, ano VI, p. 5-9. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3010> . Acesso em: 07 out. 2021.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. *Revista da FAEBA*. Faculdade de Educação do Estado da Bahia. Ano 6 N. 7, Edição de Homenagem a Paulo Freire. Salvador-BA, ISSN 0104-7043, UNEB, p. 9-32, jan/jun 1997.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

NIEMEYER, Fernanda; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da revista Capricho. *Texto Contexto Enferm*. Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 457-65, jul-set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/mrjBtQMRt86WXjfPh39FvMQ/?lang=pt> . Acesso em: 07 out. 2021.

RODRIGUES, Wallace. Refletindo sobre um caminho descolonizador para o ser humano. *Revista Humanidades & Educação*. Unitins, v. 6, n. 12, p. 232-239, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1076> . Acesso em: 07 out. 2021.

SPIVAK, Gayatri. *The Spivak reader*. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (org.). New York: Routledge, 1996.

*Recebido em 14 de outubro de 2021*

*Aceito em 10 de janeiro de 2022*